

## **ATITUDE, CONHECIMENTO E COMPORTAMENTO DO PEDIATRA NO MANEJO DO ABUSO INFANTIL.**

*Simas, V.P., Franzon, N.S., Castilhos, K.F., Feldens, L., Santos, L.O., Mesquita, J.P., Goldani, M.Z. Serviço de Pediatria do HCPA e Departamento de Pediatria da FAMED/UFRGS. HCPA/UFRGS.*

Fundamentação: segundo a Organização Mundial de Saúde a violência infantil é um problema de saúde pública. É um fenômeno complexo que resulta da combinação de fatores individuais, familiares e sociais e que se encontra em todos os grupos socioeconômicos, culturais, raciais e religiosos da sociedade na maioria dos países do mundo. No Brasil ele vem aumentando de extensão. A violência contra a criança faz parte de um contexto social que exige soluções rápidas e imediatas dos profissionais que estão comprometidos com a causa. É importante que estes profissionais devem estar preparados tecnicamente, comprometidos e conscientes de seus próprios sentimentos e atitudes em relação ao abuso.

Objetivos: avaliar a atitude, o conhecimento e o comportamento do pediatra no manejo do abuso infantil.

Casística: trata-se do projeto-piloto de um estudo transversal que realizar-se-á por um período de 12 meses tendo como a população alvo 114 pediatras de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Foram selecionados 16 pediatras, para validar o questionário que será utilizado no estudo a seguir. A coleta da amostra deu-se de maneira aleatória e estratificada, considerando as diversas inserções profissionais dos pediatras em serviço privado, público e misto (informação da Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul). Foram considerados critérios de inclusão: ser pediatra, trabalhar em Porto Alegre, em hospitais, postos de saúde e consultórios privados. A ferramenta de pesquisa foi um questionário com questões pessoais e vinhetas com casos verídicos de abuso infantil (sem a identificação dos pacientes e profissionais envolvidos). Os dados foram analisados pelo programa Epi-info versão 6.0.

Resultados: do total de 16 pediatras entrevistados, 6 (37,5%) eram mulheres e 10 (62,5%), homens. A média de idade foi 44,13 anos sendo a idade mínima 28 e a máxima 57 anos. A mediana da idade foi de 44,5 anos. Dez (62,5%) pediatras tinham filhos. Quanto à graduação, além da residência, 4 profissionais fizeram mestrado; 4, doutorado; e 5, especialização na área. A mediana de tempo de formação médica foi 20 anos. Dois (12,5%) médicos trabalhavam no serviço privado, 11 (68,8%) no serviço público e privado, e 3 (18,8%) no serviço público. Seis deles (37,5%) já tiveram algum treinamento em Abuso Infantil. Esses profissionais responderam questões sobre casos verídicos de abuso infantil e sobre sua atitude frente à violência contra a criança. As 19 perguntas eram pontuadas de acordo com a escala de Lickert (1-5 pontos, sendo 5 a nota máxima para cada questão). Um pediatra não respondeu a todas as perguntas. A média de pontuação feita pelos demais pediatras foi de 79,73 pontos (máximo=95 pontos) totalizando 83,92% de acertos. Apenas 1 médico (6,3%) referiu não conhecer o Estatuto da Criança e do Adolescente. Dois pediatras (12,5%) já foram intimados como testemunha de defesa de alguma criança vítima, sendo que todos já haviam atendido algum caso de abuso durante o exercício da profissão. Oito médicos (50%) já se sentiram emocionalmente ligados a algum caso atendido. Cinco pediatras (31,3%) relataram medo de serem processados por suspeitar que uma criança está sendo vítima de abuso.

Conclusões: conclui-se que, apesar do fenômeno de violência contra a criança ser de grande extensão e de todos entrevistados já terem tido contato com algum caso de abuso durante sua profissão, continuam as dúvidas quanto ao diagnóstico e procedimento nessas situações. O profissional que lida com a criança, pode sentir-se não só emocionalmente ligado ao caso, mas também temeroso das consequências que a intervenção em situações suspeitas possa acarretar. Podem ser fatores relacionados e que prejudicam a conduta do profissional nessas situações a experiência pessoal de abuso, a falta de conhecimento sobre o assunto, a estrutura do Sistema de Saúde atual, entre outros. Certamente o treinamento desses profissionais seria de grande valia, pois assunto exige medidas rápidas a fim de diminuir os danos que a violência acarreta no crescimento e desenvolvimento das crianças.